

Trabalho começa antes do sol nascer

Dez e meia. Isaura, Francinilda e Valdênia estão sentadas na varanda descascando alho, vigiando o tacho de extrato de tomate e observando se o urucum, que está no sol, secou o suficiente para ir para o pilão e ser transformado em corante de comida. A lide doméstica começou às cinco horas da manhã. Fizeram o café da manhã, despacharam os maridos para a lavoura, arrumaram as crianças para ir à escola, limparam a casa, cuidaram dos canteiros, almoçaram e lavaram a louça.

A tarde é reservada para "aproveitar o que a terra dá até o

dia terminar", conta Valdênia. Sem mostrar desânimo diante da metade do saco de alho que ainda tem para descascar, ela diz que "o lema da comunidade é não desperdiçar nada". O tomate, por exemplo, que existe em grande quantidade no local, é usado para salada, doce, molhos de conserva e extrato. O alho vira "arisco"; o mamão, a laranja e outras frutas, doce. O que sobra vai para os porcos.

O pior dia da semana para Isaura é o de lavar e passar roupa. "Trabalhinho indecente" se queixa, reclamando da altura do tanque e confessando sua predileção

por trabalhos manuais — corte e costura, bordados — "por distraírem a cabeça e não cansar as pernas". Francinilda ri da observação, comenta o tempo, a poeira, o vento e acaba recordando os tempos de solteira. A conversa é interrompida com a chegada de Itamar, que veio da lavoura para tomar um suco de mexerica.

Desde às cinco e meia ele está "no batente". Consertou a caixa-d'água, regou a plantação de tomates, deu orientação aos empregados sobre a colheita, catou alho e urucum e ainda serviu de guia a visitantes. Há três anos está em Bra-

sília. Veio do Ceará "em busca de melhora de vida". "Lá de onde eu vim, uma currutela perto de Fortaleza (Ceará), tem terra mas não havia como trabalhar", afirmou.

Casa grande lhe deu o que queria: "A oportunidade de ser melhor". É com uma ponta de orgulho na voz que ele fala das suas "duas roças", da expectativa de ter uma boa safra de tomate e de contar com uma casa "perto da cidade, escola e hospital". "No campo a gente vive à espera de melhora. Se ela vem, a gente agradece a Deus. Na roça o trabalho é grande mas a vida é sossegada", garante. (M. P.)